

1
NAZARE

PMS CPM GERIN

BIBLIOTECA

Jornal

Correio da Bahia

Data

02.02.95

Edição

Página

Folha da Bahia 7

Seção

Assunto

Bairro



Livro resgata a história do bairro de Nazaré



Interessantes informações traçam um painel da antiga Salvador e de seus costumes

Cláudia Pedreira

A cidade de Salvador ultrapassava os 20 mil habitantes. Era 1624 e, com receio da ocupação holandesa, soteropolitanos contiveram o Rio das Tripas formando um fosso profundo, que dificultava a passagem dos invasores. Isto facilitou a expansão da cidade em direção oposta, rumo à Palma, Santana, Saúde e freguesias vizinhas.

"Foi este o núcleo primitivo do bairro de Nazaré", explica o pesquisador Manoel Passos Pereira, escritor do livro *A história do bairro de Nazaré — uma experiência participativa em Salvador*, que será relançado amanhã, às 19h, no Espaço Cultural Idearium, Rio Vermelho. A publicação teve apoio da Faculdade de Turismo da Bahia, que editou a obra e colocou à disposição do professor os alunos que foram a campo coletar dados.

O livro é baseado principalmente em depoimentos orais. Caetano Veloso é ex-morador, assim como José Augusto Berbert de Castro e Hildegardes Viana. O jornalista Guido Guerra é ligado ao bairro porque estudou no Colégio Central e no Colégio Aplicação. O entrevistado que não residiu em Nazaré simpatiza com o bairro. "Para conhecer e entender Salvador, antes de tudo é preciso amá-la. A história do bairro de Nazaré representa um pouco, um pedacinho dessa paixão que sentimos por esta cidade de todos", diz Manoel Pereira, conhecido como Manuca no meio intelectual.

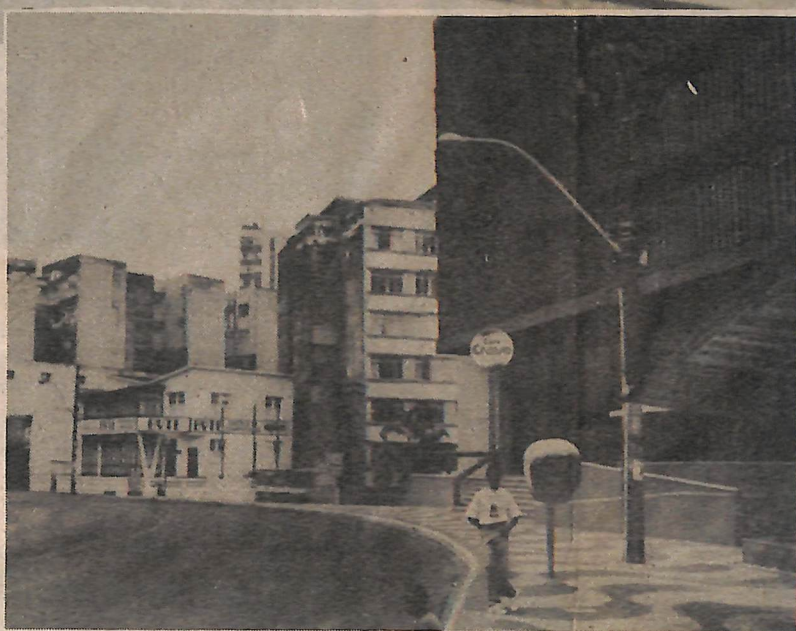
Depoimentos interessantes reforçam o resgate histórico do bairro, que é do tempo em que era grafado como Nazareth. Caetano Veloso, que descia a escada do Tororó para ir pedalar barquinhos no Dique ao lado de Dedé, gostava de conversar com Duda Machado e Alvinho Guimarães no Jardim de Naza-

ré: "Era uma forma de lazer e educação", uma forma de de adestramento intelectual, de amizade e também de educação".

Os parques do bairro, para o jornalista José Augusto Berbert de Castro, "eram bucólicos", gente agradável. Toda tarde passeávamos por ali, que era calmo. O jardim era enorme, tinha um relógio de uns seis metros de altura, que nós subíamos para ver as meninas passar embaixo. O relógio sumiu e ninguém sabe de nada". A pesquisadora Hildegardes Viana diz que todo mundo se conhecia no lugar e que era "aprazível, mas, de meio-dia para a tarde, lembrava um cemitério, pelo sossego e raros transeuntes, muitas casas com jardins na frente e quintais imensos".

O morador Abílio Souza Matos repara que "o sistema de água e esgoto antes era deficiente, nem todas as casas tinham acesso, somente a classe mais nobre... vendia-se muita água em barris". Também conhecedora do lugar onde reside há anos, Lourdes Pereira lembra que depois dos bondes de burro chegaram os bondes com arco, que passavam por um cabo e trilhos. "Todo mundo tinha medo que ocorresse um descarrilamento", recorda-se a também pesquisadora Consuelo Pondé de Sena. E, claro, depois vieram os automóveis, aos poucos, e, "quando apareciam muitos carros, seis a oito, já se sabia que era casamento ou enterro", registra Romilce França, moradora há 70 anos de Nazaré.

Depoimentos e fotos amparam o livro, que compara passado e presente. "Nazaré é hoje um bairro que mantém sua tradição histórica e que também se inova preguiçosamente através de novas adversidades decorrentes da dinâmica do tempo...", define Manoel Pereira.



Antes e depois: Imagens com a antiga Avenida Joana Angélica e a atual, dois momentos do bairro histórico de Nazaré que estão no livro lançado por Manoel Passos Pereira, o Manuca

Retomada de um projeto antigo

Em 1981 pesquisadores da Fundação Cultural começaram a elaborar o primeiro estudo sobre bairros de Salvador. O grupo pioneiro contava com gente como Tânia Pennido, Isabel Gouvea, Henrique Lyra e Manuca. Depois fizeram adesão ao projeto Juca Ferreira e Misael Tavares e, finalmente, em 1988, saiu do forno o primeiro livro da moçada, sobre o Rio Vermelho. Edição esgotada. Ainda assim, os estudiosos não encontraram facilidades para publicar novas investidas na história da capital, que eles continuavam a coletar, por lugares como Itapuã e Itapagipe.

Sem o estímulo para o projeto, o grupo se dispersou. O tempo passou e somente quando Manoel Pereira foi ensinar na Faculdade de Turismo se reanimou com as pesquisas. Enviou os alunos para campo, à procura de moradores antigos do bairro

de Nazaré e arquivos foram consultados. "Infelizmente nossos arquivos estão desorganizados", lamenta Manuca, que, para substanciar visualmente o livro, recebeu ajuda de Carlos Lorenzo, morador do lugar, com precioso acervo pessoal.

Mas o alicerce da pesquisa é mesmo a fonte oral. A partir de depoimentos (às vezes díspares) se vai compondo um passado pulsante. O método já chama a atenção de estudiosos de outros estados brasileiros e o historiador Manuca acredita que, com incremento e uma editora interessada, é possível formar público para este tipo de literatura. Entusiasta, ele agora se dedica a organizar entrevistas que fez com integrantes da Irmandade da Boa Morte. Ciente do material que tem em mãos, ele não se melindra: "Estou para a Irmandade como Calasans para Canudos".